**ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO**

# A ALFABETIZAÇÃO VISUAL COMO RESGATE DE CIDADANIA

**Álvaro Franco da Fonseca Junior**[1]

RESUMO – A arte está intimamente ligada ao que o homem conhece de si mesmo. Expomos nossas interpretações utilizando a arte como ferramenta para dizer ao outro o que pensamos e sentimos. Buscamos a todo instante a significação de tudo que nos cerca através da leitura e lemos não só o que se nos apresenta na forma escrita, como também cada elemento natural, como o escurecer do dia anunciando a chuva e todas as produções humanas e manifestações gestuais. A arte, como manifestação requintada de uma mente que questiona e procura respostas, está explícita na modernidade através da enorme diversidade utilizada pelas mídias e produções culturais. A escola, na grande maioria dos casos, é o primeiro lugar a apresentar à criança a arte como produção humana e também contribui para o aprendizado de símbolos e códigos. No entanto, ainda hoje prioriza a alfabetização direcionada à leitura de textos escritos. Este projeto de extensão discutiu a importância de uma introdução à alfabetização visual no processo de resgate de cidadania de crianças em privação de liberdade, uma vez que alfabetizar visualmente é compreender o que se faz, é ler o mundo, é entendê-lo de alguma forma e, principalmente, é expressar-se dentro dele e, talvez, ser ouvido.

PALAVRAS CHAVE – alfabetização visual; leitura; arte.

## Introdução

O projeto de leitura e alfabetização realizado no educandário pelas professoras Djane Antonucci Correa e Letícia Fraga, que a princípio foi idealizado dentro de uma concepção de letramento, amplia-se com a inclusão da alfabetização visual. Meu primeiro contato com os meninos deu-se em uma sala de aula da UEPG, no campus central. Havia de minha parte uma certa curiosidade em relação a como lidar com alunos com histórico de violência. Não havia nenhuma diferença aparente entre esses alunos e outros quaisquer, somente a forma de tratamento, um respeito marcial que aos poucos pude identificar nos gestos e olhares. Mais tarde, pude perceber que, para eles, aqueles momentos, além de uma grande novidade e oportunidade de estar fora da instituição, eram momentos de atenção, algo precioso que poucas vezes era ofertado.

Qual seria a abordagem ideal para crianças tão amadurecidas pelo distanciamento social, quebras constantes de conduta, desamor, desesperança e descaminhos? Eram realidades tão fortes que em alguns momentos me questionava sobre qual a relevância de um desenho ou um pincelar em uma tela. Rapidamente me refazia em minha concepção de que alfabetizar visualmente é muito mais do que o fazer. É o compreender o que se faz, é ler o mundo, entendê-lo de alguma forma e, principalmente, expressar-se dentro dele e, talvez, ser ouvido.

## Objetivos

A meu ver, a relevância da minha parte no projeto seria a de:

- Enfatizar a utilidade da arte em suas vidas,
- Expor a importância histórica desse tipo de expressão, uma grande oportunidade para expressarem seus pensamentos,
- Dar forma ao abstrato, ao implícito, ao velado.

Considerando que trabalhar com os sentimentos implicaria para eles viajar para longe das paredes do educandário, poder-se-ia também:

[1] Licenciado em Artes Visuais, Professor, alvarofonsecajunior@gmail.com

- Visitar locais de infância, lugares de sonhos e realidades possíveis num futuro imaginado que para alguns não estão tão próximos.
- Introduzi-los nas infinitas possibilidades da arte gráfica,
- Dar-lhes ferramentas,
- Mostrar-lhes caminhos,
- Abrir fronteiras,
- Criar empatia que proporciona um pequeno distanciamento para uma realidade tão cruel.

**Metodologia**

O ambiente de cárcere se mostra mais nos pequenos gestos, olhares, maneira de utilizar o material e de prestar atenção do que na própria estrutura. O papel lhes dá uma liberdade improvável, permite-lhes sonhar, expor sentimentos que são proibidos para quem não pode demonstrar fraquezas. Permite até mesmo gritar. Quantos gritos iguais ao de Munch não poderiam sair dali?

Pare que possuíssem as ferramentas necessárias de modo que dessem início ao processo de criar seus trabalhos, dei-lhes um embasamento teórico sobre a história do desenho, diferentes tipos de ilustração, materiais utilizados no desenho, as formas básicas, como reconhecê-las e como utilizá-las. Tudo sempre voltado à leitura, ao por que se fazia e como se fazia.

Apesar de gostarem de desenho, conhecerem muitos personagens de quadrinhos e animações, a compreensão do que uma ilustração pode querer transmitir é muito pequena. A maioria deles é semi-alfabetizada. Porém, tem uma capacidade incrível de construir poemas, canções e desenvolver alternativas para suprir essa deficiência em sua formação. A intensidade de seus sentimentos não se compara à "normalidade" de crianças que não passaram pelas experiências deles. Isso tanto dificulta a convivência quanto exacerba a produção.

As condições a que eram submetidos dentro do centro educacional – tais como o não consentimento, à época, da posse de materiais particulares de ensino básico para sua utilização fora de sala de aula, como papel, lápis, borracha etc. – impeliam-nos na busca de alternativas para a comunicação e expressão. A memória passa a ser um bote salva-vidas de suas produções. Eles não se esquecem de letras de música, desenhos, cartas, nomes e sabe-se lá o que mais seja importante para eles.

Uma das coisas que interferem no progresso das aulas é a falta de continuidade de um dia para o outro. Muitos alunos são retirados da sala de aula para outras atividades ou até mesmo não estão à disposição naquele dia, por conta de compromissos legais inerentes a sua condição de interno, o que implica retomadas constantes de conteúdo. Dentro dessa perspectiva, cresce a dúvida se eles aprenderão a utilizar alguma técnica gráfica um pouco mais avançada. Essa preocupação está em minha mente não para que seja direcionado um trabalho gráfico mais "bonito", mas para que haja uma aprendizagem e uma conexão da arte com as suas vidas, como também para que consigam reproduzir de maneira mais fiel aquilo que querem transmitir em suas produções.

Começamos a parte prática com o reconhecimento e a utilização das formas básicas no papel e no espaço físico. Desenhamos utilizando-as e fizemos vários exercícios. Em todo recomeço de aula, fazíamos um retrospecto do que havia sido visto, um levantamento de idéias e do que elas significavam. Reiniciávamos o conteúdo a partir daí.

Propus um exercício de fazer um desenho qualquer utilizando apenas uma única linha de forma seguida, sem tirar o lápis do papel. Para alguns, como para S., foi um exercício duríssimo. Não tirar o lápis do papel foi impossível. Esse exercício serve como aquecimento para um trabalho mais elaborado e também para que eles possam aprender a rabiscar sem a obrigação de fazer algo "bonito". Essa preocupação não é só deles, em qualquer atividade em que haja exposição de trabalhos individuais, todos acabam de alguma forma sendo levados a se preocupar com a aceitação desse trabalho. A escola sempre exige trabalhos com formas pré-determinadas e aceitas como "bonitas". A ansiedade e a falta de controle físico e mental se mostram com força nesses exercícios.

Utilizamos desenhos para compor os poemas escritos por eles ou letras de música, um quadro esboçando a utilização de ilustrações. Essa atividade demonstrou uma pobreza na diversidade das imagens utilizadas. O uso de formas estereotipadas, como corações quebrados e flores, foi recorrente.

Os trabalhos realizados em duplas se mostraram problemáticos também. Em um exercício de desenhar o outro, encontrei uma rejeição que não me surpreendeu. Relações entre homens entram sempre em conflito com a necessidade de não demonstrar fraquezas ou atitudes que pareçam conflitantes com sua condição de "macho". As relações dentro do educandário são relações

baseadas em códigos e regras rígidas. Observar o outro pode demonstrar interesse, o que é inadmissível em um mundo onde as suas preferências devem ser bastante claras. Estas relações se mostram nos traços de seus trabalhos.

Nos primeiros desenhos, a demonstração de dor se faz presente. Não apenas seu corpo está enclausurado, suas mentes também. Desenhos estereotipados e símbolos comumente usados por todos revelam a falta de contato com uma variedade maior de imagens. Em alguns traços a leveza de quem não sabe se deveria estar "dizendo" isso pode ser percebida. Será que eu posso confiar nele? Com certeza se perguntam!

**Resultados**

Exercício de propaganda

A propaganda entra no aspecto educacional da leitura de imagens como uma fonte quase inesgotável de informações visuais. Faz parte da vida de todos, todos tiveram e têm acesso a algum tipo de propaganda e podem, de alguma maneira, citar exemplos e dar opinião sobre algumas delas. A identificação de elementos da imagem e a intencionalidade desses elementos constituem um poderoso exercício de alfabetização visual.

Acreditei que esse processo tivesse possibilidade de fluir de maneira mais tranqüila, porém demonstrou-se de difícil conclusão. Sendo apenas um exercício para ampliar a percepção do texto gráfico e também do texto escrito, procurei adaptá-lo à realidade dos alunos. Há uma dificuldade enorme em reconhecer coisas básicas do dia a dia, como, por exemplo: Que tipo de produto é, para que serve, que tipos existem, por que existem produtos diferentes com preços diferentes que servem para a mesma coisa, por que se compra esse e não aquele, as cores que diferenciam os produtos, e o que me parecia mais importante para o nosso aspecto de leitura: se a forma e as cores influenciavam a escolha do produto.

Fizemos então um exercício de produção para utilizarem essas informações de forma prática. Para quem não gostava muito de escrever, a ansiedade de desenhar era incontrolável. Mesmo sem saber qual seria o produto, conseguiam desenhar alguma coisa. Mais uma vez fizemos o trabalho em duplas. Nesse caso o termo "dupla de criação" ficou mesmo só no nome. Não dividiam o trabalho. O trabalho que cada um queria fazer se impunha. Mesmo que os dois estivessem desenhando o mesmo produto, nenhum deles tinha feito um texto para saber do que se tratava.

As propagandas criadas por eles mostraram toda a complexidade em se construir algo visualmente para ser vendido. Comunicar claramente o que se quer, levando em consideração o outro, é complexo, mas um exercício de construção de texto exigente que dá resultados positivos. A utilização de cores, que seria feita em uma segunda etapa, acabou por não se concretizar. Nesse ponto perdemos oportunidades de aprofundamento no que tange à linguagem produzida pelas cores.

Ilustração:

A ilustração com desenhos talvez seja a forma mais clara de demonstrar a eles como um desenho pode ser um texto, tentando fazer a todo momento uma ponte entre o trabalho realizado com os textos escritos e o texto na imagem, deixando claro que na verdade são formas diferentes de se fazer a mesma coisa. Mostrei-lhes ilustrações das mais variadas, seu desenvolvimento com o passar dos séculos em vários países. As primitivas em cavernas, antigas civilizações, outras feitas com a técnica de litogravuras e gravuras em metal de Dürer. Todos se espantaram com a beleza e quantidade de traços precisos. Expressões tais como: "isso é que é desenhar", "agora que eu não faço mais nada", entre outras, demonstraram o respeito com que grandes obras (algumas gravuras têm uma imensa quantidade de informações, o que exige muito de qualquer um para serem lidas e por isso mesmo mantêm seu fascínio até hoje) são percebidas por qualquer indivíduo em qualquer nível de leitura, desde que estejam, essas obras, dentro de uma possibilidade de compreensão das formas.

Não se espera que essa reação positiva se repita em movimentos abstratos, mesmo sendo essas obras consideradas de valor cultural inestimável. Existe nesse sentido todo um embasamento e refinamento teóricos que não vêm ao caso no momento.

**Conclusões**

O processo de aprendizagem da alfabetização visual, como qualquer outra forma de alfabetização, se mostra intenso e interminável. Somos obrigados a aprender sempre mais para

adquirir alguma fluência nas especificidades do ler e compreender o turbilhão de imagens que se nos apresenta diariamente. Para os alunos do educandário, a expressão “abrir portas” se torna de profundo significado e é o que a alfabetização visual pode lhes dar. Sinto-me enriquecido com essa oportunidade de desenvolver um processo livre de formatações curriculares, focalizado na construção de alicerces para o resgate da cidadania de crianças.

**Referências**

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o Ensino da Arte no Brasil.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** arte. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLI, Jorge. **O Que é Arte.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2002.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho – Desenvolvimento do Grafismo Infantil**. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1989.

GOMBRICH, Ernst H. **História da arte.** São Paulo: LTC, 2000.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artemed, 2003.

NAGAMINI, Eliana. **Televisão, publicidade e escola.** São Paulo: USP, 1994.

PERAZZO, Fernando Luiz. **Elementos da Forma.** Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 1997.